O ESTADO DE S.PAULO

Publicado em 04/10/2023 - 06:00

Greve contra privatizações de Tarcísio prejudica mais de 3 milhões na Grande SP

A greve conjunta de 24 horas contra privatizações convocada pelos sindicatos de funcionários da Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô), Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) afetou mais de 3 milhões de pessoas direta ou indiretamente na Grande São Paulo ontem – só as linhas do metrô paralisadas têm média diária em 2023 de 2,7 milhões de atendidos. Principal alvo da paralisação, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) reiterou que o processo de concessão será mantido e a greve foi "política, ilegal e abusiva".

Com o rodízio de veículos suspenso, o congestionamento chegou a 598 quilômetros pela manhã, conforme a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET). Com linhas de trens operadas pela iniciativa privada funcionando (4, 5, 7 e 9) e as demais paradas, houve "peregrinação" por estações e corridas pequenas por aplicativo superavam R$ 100.

PREJUDICADOS. Funcionária de um hospital na região de Santa Cruz, na zona sul, a enfermeira Tatiana Souza, de 41 anos, normalmente vai até a Estação Corinthians-Itaquera, pega as Linhas Vermelha e Azul do Metrô, e chega ao trabalho. O trajeto dura por volta de 45 minutos. "Hoje (*ontem*), por causa da paralisação, a ideia é ir de CPTM até a Estação Paulista, pegar a Linha Amarela até a Estação Pinheiros, pegar a Linha Esmeralda até a Estação Santo Amaro e, por fim, entrar na linha Lilás para chegar ao trabalho", disse. O tempo previsto era pelo menos o dobro.

Maria Adelina, de 42 anos, empregada doméstica, decidiu pegar ônibus para chegar ao local de trabalho, no Morumbi. Com dificuldade para conseguir pesquisar o trajeto, ela pediu o celular de um colega emprestado para utilizar a internet. "Atrapalhou bastante. De metrô é tudo mais fácil", disse. Nas linhas em funcionamento, porém, parte dos passageiros relatou um movimento abaixo do usual. O economista Gianlucca Florencio, de 25 anos, que pega a Linha 9-Esmeralda regularmente, estranhou o movimento. "Hoje está muito vazio", diz. A situação piorou à tarde, porém, quando uma falha elétrica também paralisou o ramal parcialmente.

SURPRESA. No Metrô Jabaquara, os portões amanheceram fechados, com cartazes de greve e um grupo de metroviários explicando para a população os motivos da paralisação. O movimento de passageiros era pequeno, mas algumas pessoas não sabiam sobre a paralisação e deram de cara com a porta. E mesmo quem estava preparado acabou surpreendido. Moradora do Jardim Santo Antônio, na zona leste, a técnica de enfermagem Katia Angelina, de 38 anos, se planejou para pedir um carro de aplicativo por volta de 5h. A ideia era tentar driblar a greve e chegar a tempo ao trabalho em uma instituição em Indianópolis, na zona sul. Mesmo pedindo com antecedência, a corrida estava dando R$ 170. "Não tinha como pagar isso, então vim de ônibus para a Estação Corinthians-Itaquera para tentar carro de aplicativo daqui", disse ela, que normalmente vai de Metrô para o trabalho. O expediente começava às 8h. Ao chegar à estação, Katia encontrou o local bem mais cheio que o normal. O preço da corrida estava R$ 70. "Está bem mais alto, mas não tenho o que fazer, vou tirar do meu bolso."

CONFRONTO. As categorias são contra a privatização das três empresas. Os sindicatos alegam que a transferência das operações, promessa de campanha do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) até 2025, carece de maior discussão com a sociedade e ressaltam que projetos desse tipo podem piorar a qualidade dos serviços. "Queremos o cancelamento de todos os processos de privatização e terceirização das empresas públicas, e exigimos realização de um plebiscito oficial para consultar a população sobre as privatizações das empresas", disse Camila Lisboa, presidente do Sindicato dos Metroviários.

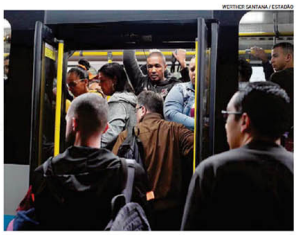
Pela manhã, Tarcísio de Freitas, definiu a greve como um movimento "político", "ilegal" e "abusivo". "Justamente são as linhas concedidas que estão operando. Isso só reforça que estamos na direção certa", disse Tarcísio. "Vamos continuar estudando concessões e não é um movimento ilegal que nos afastará desse objetivo."

Já a Justiça do Trabalho tripliciou a multa para os sindicatos, caso continuassem a descumprir a liminar concedida na sexta-feira que obrigava os funcionários a trabalharem normalmente durante os horários de pico (das 4h às 10h e das 16h às 21h). A multa pelo descumprimento dessa ordem era de R$ 500 mil a serem pagos conjuntamente pelos três sindicatos envolvidos, e passou para R$ 1,5 milhão. À tarde, o descumprimento continuou e as filas em pontos passaram de uma hora. O Sindicato dos Metroviários disse que a decisão judicial é um "ataque ao direito constitucional de greve".

A suspensão da greve de 24 horas foi aprovada em assembleia encerrada só às 21 horas. Foram 2.952 votos, dos quais 2.331 pelo encerramento da greve e 587 por mantê-la. A proposta de nova paralisação na próxima semana foi recusada por 1.161 metroviários. ● ITALO BC, RENATA OKUMURA, GIOVANNA CASTRO, FABIO GISELLE E CAIO POSSATI

ALEX SILVA/ESTADÃO

WEITHER SANTANA / ESTADÃO



TANIA BENEDICTO / ESTADÃO

Com paralisação de metroviários, população de São Paulo enfrentou longas filas para ônibus, além de superlotação; estações de metrô amanheceram fechadas, com cartazes

Transportes

Greve contra privatizações afeta 3 milhões na Grande SP

Governador Tarcísio fala em iniciativa política, ilegal e abusiva e diz que manterá concessões; Justiça triplica multa contra sindicatos

"Exigimos realização de um plebiscito oficial para consultar a população"
Camila Lisboa
Presidente do Sindicato dos Metroviários

"Isso só reforça que estamos na direção certa"
Tarcísio de Freitas
Governador de SP

Da zona leste até a sul
Mesmo pedindo com antecedência, uma corrida por aplicativo chegava a custar R$ 170

Paralisação vira campo de batalha para eleição de 2024

PEDRO AUGUSTO FIGUEIREDO

As greves movimentaram a disputa eleitoral entre pré-candidatos à Prefeitura de São Paulo em 2024. Líder nas pesquisas até o momento, o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) se tornou alvo dos adversários, entre eles o atual prefeito, Ricardo Nunes (MDB), porque o Sindicato dos Metroviários é presidido por Camila Lisboa, filiada ao PSOL. No centro do debate ficou o governador Tarcísio de Freitas.

Ao **Estadão**, Tarcísio disse que não pensa em eleição municipal. "Estou pensando em investimento e dando andamento a estudos que me comprometi na campanha a fazer." Em diversas ocasiões, nas últimas semanas ele elogiou Nunes e disse que é fundamental o alinhamento entre o Bandeirantes e a Prefeitura. Mais cedo ontem, questionou como São Paulo pode ser governada por alguém "que não vai querer dialogar com o governo", em referência a Boulos.

Como resposta, Boulos criticou Nunes e Tarcísio. Ele disse que a greve é responsabilidade da administração do governador, pela "intransigência" de não ter aceitado liberar as catracas, em vez de paralisar os serviços. "É lamentável que o governador queira fugir de sua responsabilidade ao atribuir aos outros um problema gerado por ele mesmo e ao tentar partidarizar o debate. Pior ainda é ver um prefeito que abandonou a cidade querer fazer disso (*a paralisação*) palanque eleitoral", declarou o deputado ao **Estadão**.

"Pior é ver um prefeito que abandonou a cidade fazer disso palanque"
Guilherme Boulos

"Foi um vale-tudo para colocar em prática o radicalismo. Esse é o PSOL, partido do caos"
Ricardo Nunes

Já Nunes disse que a população perdeu exames e consultas médicas e os sindicatos "manipulam trabalhadores do transporte público com intuito político-partidário". "Estou indignado com o que estão fazendo com milhões de pessoas por conta de uma greve de cartiter ideológico, vítimas de uma política extremista. O que vimos hoje foi um vale-tudo para colocar em prática o radicalismo, inclusive descumprindo decisão judicial que determinou a manutenção das linhas nos horários de pico. Esse é o PSOL, o partido do caos", disse à reportagem.

OUTROS CANDIDATOS. Na visão do deputado federal Kim Kataguiri (União), que também pretende disputar a eleição para prefeito, há outros espaços, como manifestações nas ruas e em audiências públicas, para os sindicatos se posicionarem contra as privatizações. "Paralisar serviço essencial é prejudicar a cidade em nome de uma agenda eleitoral, o que demonstra falta de pudor do PSOL e do Boulos", disse.

Assessor do ex-presidente Jair Bolsonaro e cotado para vice de Ricardo Nunes, caso o PL apoie o prefeito, Fabio Wajngarten projeta que a greve terá consequências nas próximas eleições. "A população está mais informada, sabe quem está ao lado dela e quem está dificultando o seu já complexo dia a dia", opinou na rede social X (antigo Twitter). Entre os principais candidatos, a deputada federal Tabata Amaral (PSB) silenciou sobre a greve nas redes sociais. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Pagina:** 16 e 17

Copyright © Clipclap 2025.